

# HISTÓRIAS DA ALDEIA INDÍGENA MORRO BRANCO NO MUNICÍPIO DE GRAJAÚ/MA (DE 1970 AOS DIAS ATUAIS)

## STORIES OF THE MORRO BRANCO INDIGENOUS VILLAGE IN THE MUNICIPALITY OF GRAJAÚ/MA (FROM 1970 TO THE PRESENT DAY)

---

João Bento Ribeiro Filho<sup>1</sup>  
Marize Helena de Campos<sup>2</sup>

---

**Resumo:** Este estudo tem como finalidade conhecer um pouco mais da história do povo indígena da etnia Guajajara, no estado Maranhão. Pertencente a esta etnia, procuro a partir de um olhar “de dentro”, destacar como, desde os contatos iniciais com os colonizadores, os Guajajara já residentes nestas terras resistiram à invasão de seus territórios, resistência que, acrescida de outros motivos, continua até nos dias atuais, através da preservação, fortalecimento da identidade e da importância da história local da Terra Indígena Morro Branco, para que futuras gerações possam conhecer os processos de transformações de sua respectiva comunidade.

**Palavras – chave:** Historiografia. Povos Indígenas. Guajajara.

**Abstract:** This study aims to know a little more about the history of the indigenous people of the Guajajara ethnic group, in the state of Maranhão. Belonging to this ethnicity, I look from an “inside” perspective to highlight how, since the initial contacts with the colonizers, the Guajajara already residing in these lands resisted the invasion of their territories, a resistance that, in addition to other reasons, continues until nowadays, through the preservation, strengthening of the identity and the importance of the local history of the Morro Branco Indigenous Land, so that future generations can know the transformation processes of their respective community.

**Keywords:** Historiography. Indigenous People. Guajajara

---

1 - Graduado em História pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA – PARFOR – Grajaú, 2020. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4456334088865262>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8221-6924>. E-mail: [joaobentoribeirofilho@gmail.com](mailto:joaobentoribeirofilho@gmail.com)

2 - Doutora em História Econômica FFLCH – USP. Docente do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Docente do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória) – UFMA. Colaboradora Doutorada do Centro de Humanidades CHAM/ Universidade Nova de Lisboa – UNL. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1121119695020091>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9501-6237>. E-mail: [marize.campos@ufma.br](mailto:marize.campos@ufma.br)

## Introdução

No Maranhão há mais de dez Terras Indígenas (TIs) habitadas por etnias Guajajara/Tenetejar e asseguradas pela Constituição Federal Brasileira de 1988, especificamente no Estatuto do Índio (Lei 6.001/73) que consagram o princípio de que os povos indígenas são os primeiros e naturais senhores da terra. De especial importância são os Artigos 131 e 132, que tratam da demarcação de Terras Indígenas (TIs).

Segundo site Povos Indígenas no Brasil / ISA 2019), as Terras Indígenas ocupadas por Guajajara/Tenetejar são: T. I. Araribóia, MA, de 413.288 ha homologada e registrada no CRI e SPU, com 5.317 Guajajara e Guajá (FUNASA 2010). T. I. Cana Brava, MA, atravessada pela rodovia BR-226, entre Barra do Corda e Grajaú, de 137.329 ha homologada etc. com 4.510 Guajajara (FUNASA 2010). T. I. Geralda/Toco Preto, MA, 60 km ao noroeste de Barra do Corda, de 18.506ha homologada, etc. com 969 Guajajara (FUNASA 2010). T. I. Governador, MA, atravessada pela MA-122, homologada etc. de 41.644 ha com 655 Guajajara, Gavião Pykopjê e Tabajara (FUNAI 2003). T. I. Lagoa Comprida, MA, 50 km a oeste de Barra do Corda, homologada, etc. de 13.198 ha com 470 Guajajara (FUNAI 2003). T. I. Morro Branco, MA, de 49 ha ao lado da rodovia BR-226, homologada, etc. com 110 do povo (FUNAI 2000). T. I. Rio Pindaré, MA, na margem esquerda do rio Pindaré 10 km de Santa Inês, de 15.002 ha, homologada, com 1.448 Guajajara (FUNASA 2010). T. I. Urucu-Juruá, MA, de 12.697ha homologada com 416 deste povo (FUNAI 2003). T. I. Caru, MA, de 172.667 ha, homologada, etc. com 136 Guajajara e Guajá (FUNAI 2003). T. I. Vila Real, MA, em identificação ao norte de Barra do Corda. T. I. Bacurizinho, MA, homologada de 82.432 há, porém, o ISA contenda que deve ter 134.854 ha, com 3.663 do povo (FUNAI 2003). T. I. Rodeador, MA, Dominial Indígena registrada CRI, com 2.319 ha e 126 Guajajara (FUNASA 2010).

Se comparada às demais Terras Indígenas, a do Morro Branco é a menor Terra Indígena demarcada, ocupando apenas com 49 hectares, de acordo com os dados da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) do ano de 2000.

Algumas aldeias, como as que compõe a Terra Indígena Bacurizinho, no município de Grajaú – MA localizam-se às margens do Rio Mearim: a aldeia Bacurizinho; subindo as margens do rio, tem-se a aldeia Cocal Grande, Canto do rio e Cocalinho; descendo a margem do rio Mearim tem-se, as aldeias Ipu, Tamarindo e Arymy e outras. Há também algumas aldeias pelas quais não passam o rio Mearim e ainda na Terra Indígena Bacurizinho algumas aldeias foram fundadas às margens de riachos, como as que foram fundadas na região do Bananal, como as Aldeia Nova, Papagaio, Buritizal, Gameleira, Buritirana, Apertado, Bananal e outras.

Deve-se ressaltar que na Terra Indígena Bacurizinho, o rio Mearim e o riacho, mencionados acima tem o papel importante pois, os dois rios estabelecem os limites da Terra Indígena a do não-Indígena o que leva a crer que os indígenas da etnia Guajajara escolheram especialmente as margens do rio, por ter costume e hábito de tomar banho e pescar, coletar frutas e caçar, pois, o rio é uma fonte muito importante e de vida para os Tenetejar, não somente os Guajararas da Terra Indígena Bacurizinho, mas também de outras Terras Indígenas.

Há também aldeias que se localizam afastadas dos rios, onde o acesso a água é difícil, assim os indígenas escolhem essas regiões movidos pelo tamanho das áreas para cultivo de agricultura do milho, mandioca, feijão, arroz e outros, para a criação de gado, cabra, porco, galinha assim como para praticar caçadas de animais silvestre para a subsistência.

A aldeia Indígena Morro Branco, que em Tupi significa = *Tenetejar Weko Haw Ywytyr Yting*, da etnia Guajajara, falante da língua Tupi, está localizada no município de Grajaú, no centro do estado Maranhense. Essa aldeia fica a 200 metros da margem da BR-226, no relevo situado na cidade de Grajaú, ao seu redor se apresentam alguns bairros e aspectos naturais: a Vila Militar, que limita-se ao lado direito com a rua principal para a subida na aldeia, bairro Ipem, e ao lado esquerdo com a rodovia Estadual MA-006, sentido na região Formosa da Serra e, ao fundo, com a antiga chácara dos padres e alguns sítios particulares.

## Aspectos históricos da aldeia morro branco

Não se sabe com precisão a data de fundação da aldeia Morro Branco, mas a demarcação da Terra indígena tem servido de referência. Certo é que, com a demarcação da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), em 1983 foram homologados 49 hectares de terra, oficialmente reconhecidas como Terra Indígena, com acesso restrito a pessoas estranhas e área protegida pelo governo Federal.

Com o passar dos anos, alguns indígenas de outras regiões ali se instalaram e fizeram suas casas, mas segundo relatos dos indígenas mais velhos, quando o rio Grajaú era trafegável, já existiam indígenas na aldeia Indígena Morro Branco, alguns dos quais trabalhavam como vareiros, como Virgulino Guajajara, Agripino Guajajara, Damião Guajajara

Cabe ressaltar que a aldeia Indígena Morro Branco é a sede da Terra Indígena Morro Branco, e conta com um aglomerado de outras aldeias situadas ao seu redor, como: aldeia Morro Branco/SEDE, aldeia Morro Velho, Macaúba, Bela Vista, Pedra Jacaré, Escondido, aldeia Xiápira, aldeia Kumaru, Piçarra, Piquizinho, Japão, Poço Velho, Piaçaba, Bonito, Buritizinho, Davi Mendes, Faveira, Areinha, Formigueiro e Boa Esperança, e embora esta última não se localize na Terra Indígena Morro Branco, por estar situada no outro lado da MA-006 próximo ao condomínio Joana Batista, mesmo assim esta aldeia tem vínculo com a T.I Morro Branco. Todas estas aldeias têm suas próprias representatividades por seus caciques e lideranças.

O fato da aldeia Indígena Morro Branco da T.I Morro Branco ser centralizada na Zona Urbana de Grajaú torna seus membros mais expostos a mudanças culturais, pelo contato constante com o não-índio e elementos culturais diferentes como Carnaval, Festas Juninas e outras festas não indígenas, mas “por incrível que pareça” a comunidade ainda conserva a cultura milenar como a língua nativa a do Tupi-Guarani, o hábito primitivo a de pescar, caçar e coletar frutas, a de realizar festa da menina moça ou moqueado e festa dos rapazes. Além disso, os Guajaras do Morro Branco ainda acreditam muito na medicina e religião tradicional, a cura através medicamentos naturais e através dos pajés, a importância da cantoria, os resguardos dos pais após nascimento da criança e a representatividade da pintura dos Tenetehar veremos de forma mais detalhada mais adiante.

A vida na Aldeia Morro Branco é composta por vários elementos que garantem a identidade étnica dos seus moradores e neste esquadrinhar vamos principiar por um elemento fundamental: a saúde. A assistência à saúde na comunidade da Terra Indígena Morro Branco é feita pela Secretaria Especial da Saúde Indígena (SESAI). Segundo o site oficial do Ministério da Saúde (2020), a SESAI é responsável por coordenar e executar a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas e todo o processo de gestão do Subsistema de Atenção À Saúde Indígenas (SasiSUS) no Sistema Único de Saúde (SUS). Na sede da Aldeia Morro Branco há uma Unidade Básica de Saúde (UBS), que atende os indígenas da referida aldeia e os indígenas que residem na cidade e de outras regiões, como da localidade da aldeia Ponta d’água, sentido na cidade de Arame. O **Posto de Saúde Indígena Morro Branco** é um estabelecimento de saúde tipo **Unidade de Atenção à Saúde Indígena** que executa serviços de saúde na localidade do bairro da cidade Grajaú – MA e conta com técnico de enfermagem, médico, enfermeira, agente indígena de saúde (AIS) e o agente indígena de saneamento (AISAN). Além dos seus serviços específicos, estes profissionais realizam palestras de prevenção, fazem campanha de vacinação, acompanhamento dos pacientes hospitalares, de idosos e de crianças desnutridas, marcam exames e pré-natal. Também há equipe odontológica que cuida dos sorrisos da comunidade da aldeia. A Unidade Básica de Saúde da Aldeia Morro Branco conta também com a equipe dos motoristas que deslocam os pacientes para os hospitais e buscam os de outras aldeias. Há também lideranças e alguns conselheiros da saúde eleitos pela comunidade para reivindicar a melhoria da saúde indígena, estes participam dos encontros e fóruns, realizados pelo Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI).

A par da existência da UBS, a religião tradicional do povo Guajajara/Tenetehara da T.I Morro Branco, como a de outras regiões pertencentes a mesma etnia, tem crença milenar e acredita em rituais de pajelança que tem por fundamentos e funções curar doenças causadas

por espírito da natureza, como a de donos das caças, das plantas e peixes, levando a criança, jovens e adultos indígena em mal estar e até mesmo a morte, se não for curado imediatamente pelo Pajé. A pajelança ainda existe e muitas vezes é a cura das nossas crianças e os adultos.

Na dinâmica de vida e morte o ritual de morte na aldeia Morro Branco atualmente segue uma mistura da religião tradicional, com as religiões católica e protestantes. Antes na comunidade, quando falecia um indígena, a morte deste mobilizavam todo da aldeia e o respeito ao falecido e seus familiares. Na morte de um indígena importante, por exemplo, no caso do Cacique, lideranças e pessoas que contribuíram para o povo Guajajara, a mobilização é ainda maior, não somente da aldeia mas também de outras aldeias, e as comunidades acabam se deslocando no local do velório, prestando seus últimos homenagens, este que podem ser realizado em cantoria indígena e canto de louvor.

Voltemos ao princípio, o ritual do início da vida. Até pouco tempo atrás, o nascimento das crianças indígenas era mais comum acontecer na aldeia e a maioria das mães tinha um parto normal, com a ajuda das parteiras indígenas e quantidades de filhos em número maior. Isso devido, também, a uma alimentação menos prejudicial à saúde, com base em carne de caça, pescados, frutas, farinha de mandioca e arroz. Atualmente, muitas gestantes indígenas dão à luz em hospitais, onde fazem o pré-natal desde o início até o último dia de gestação. Com atendimento hospitalar e da equipe de saúde indígena, as mulheres gestantes passaram a ter mais o acompanhamento médico e preventiva na saúde da criança e da própria mãe, durante gravidez. Com isso, o papel de parteiras foi perdendo espaço, embora não tenham deixado de existir na nossa comunidade, que ainda tem parteira e curandeira, e assim, quando a gestante sente dores, antes de dar à luz ao bebê, procura a parteira e curandeira para passar mão na barriga, e verificar se a criança se encontra em mal posicionada e a colocar na posição correta. Certo é que muitas mulheres indígenas passaram a ter o “parto cesariano” com mais frequência do que parto normal. Outra realidade é o casamento com a idade menor de dezoito anos, o que leva a indígena a engravidar bem antes e ao conseqüente “parto cesariano”, muito embora tenha sido frequente muitos casos, de indígenas de maior idade preferirem o parto cesariano ao que parto normal.

O início da fase adulta da então menina para moça é motivo de grande festa na aldeia. A festa da menina moça ou a festa do Moqueado é uma tradição realizada pelo povo indígena Guajajara/Tenetejar e surgiu através da mitologia da Mãe Ira.

Os Guajajara da terra indígena Morro Branco realizam a festa da menina moça e a do Moqueado com a chegada da primeira menstruação da indígena, anunciada por ela para mãe, irmã ou avó e em seguida a mãe anuncia para o pai da menina que anuncia para a comunidade com fogos de artifício. Enquanto o pai providencia os alimentos para a menina, a mãe juntamente com outras mulheres da família prepara a filha em um quarto, pintando-o com a tinta de jenipapo, cortando a “frange” e a ornamentando com colar feita de missanga e medalhinha no pescoço. O local é proibido para os homens sendo exclusivamente permitido para mulheres. A jovem indígena fica durante uma semana na tocaia, como nós Tenetehara chamamos o quarto que ela ficará durante o período de preparação. Ali ela fica sem ter muito contato com outras mulheres indígenas, sendo também proibido conversar muito e dar gargalhada para, segundo a tradição, no futuro não se tornar uma “mulher corriqueira”, e para não ficar parada a mãe lhe uma atividade de fiar a linha de algodão.

A alimentação da jovem obedece uma rigorosa dieta e não pode comer carne de animais silvestre como tatu, catitu, paca, jacu, cutia, veado, anta e outros como peixe surubim, piau, carne de porco, alimentação. A menina moça pode se alimentar de frutas como maçã, banana, laranja e de carne de frango, carne de gado e peixe como mandi, tapiaca e piaba, por serem considerado não “remorsos”. Como já foi mencionado, a menina moça fica durante uma semana de resguarda em um quarto, por exemplo, se a jovem menstruar em uma segunda-feira entra na tocaia no mesmo dia e sai na outra segunda-feira às 03:00 horas da manhã. A saída da menina moça depende da família, mas, o mais certo e adequado, sem fugir da cultura, é através da cantoria que inicia às 20:00 horas, com intervalo para alimentação dos cantores e participantes da festa. Em seguida, a cantoria prossegue até a saída da menina. Faltando poucos minutos para três horas da manhã, a mãe da menina e um membro da família segura

a mão da jovem preparando – a para o banho: um recipiente com água e folha de macaxeira é deixado a uma distância de aproximadamente 50 metros e anunciado com toque de foguete a menina moça sai da tocaia correndo e um participante correndo atrás até o ponto de banho, onde é banhada pela avó, a tia ou pessoas da família, após o banho a jovem retorna novamente correndo e entra na casa. Uma observação importante é que, durante esse percurso de corrida na saída, ela não pode cair, senão podem ocorrer graves consequências, como contam os mais velhos. Após a saída da tocaia, a menina moça sai com um pano na cabeça, para que o resfrio não entre na cabeça, e com colar feito de missangas no pescoço. Ressalta-se que, além desse processo ela não pode comer carne de animais silvestres até quando a conclusão da festa do moqueado, a última etapa.

Na etapa para organização da festa do Moqueado, o pai da menina moça juntamente com outros pais e comunidade, marcam reunião para decidir o dia e o mês que será realizado a festa, fazendo levantamentos sobre a quantidade de meninas moças que dançarão. A partir de então, marcam a data para os caçadores entrarem na mata.

Toda essa prévia é para que não ocorram imprevistos, pois para a realização da festa como um todo, há gastos financeiros sendo, por isso, importante um planejamento antes de tudo, dentre os quais a compra de material para as meninas como tecido para confecção das vestidas, missangas para colares, fitas e confecção de shorts para os cantores para ficarem no padrão, embora isso não seja obrigatório, mas também a compra de alimentos para servir no dia da festa para os participantes e convidados de outras aldeias que deslocam de sua região para a festa.

Um dia antes de entrarem no mato, os caçadores, à noite, passam por um ritual no qual se pintam de jenipapo, e entoam cantorias com cantigas de animais que irá compor o moqueado e pedindo permissão ao “Miar`zar” quer dizer “dono da caça”. O ritual representa o momento de pedir proteção aos caçadores e que nada de mal aconteçam com eles durante a caçada. Como a terra indígena Morro Branco só tem somente 49 hectares e está localizada dentro da zona urbana, os caçadores são obrigados a se deslocarem a outra terra indígena como a de Bacurizinho, para então caçarem. Quando da chegada do moqueado, as meninas moças, se pintam de jenipapo, com pintura de pegadas das patas de animais no corpo e com foguete e tiros de espingarda pra cima os caçadores anunciam que o moqueado está chegando e num determinado lugar os caçadores aguardam a chegada das meninas moças para irem junto caminhando até o local da festa. Um dia antes da realização da festa do moqueado, há o momento cantigas indígenas, como se fosse um ensaio para a festa principal no dia seguinte. No dia da festa, pela manhã, as meninas entram numa casa ou tocaia feita pela comunidade onde permanecem até o horário do início da festa.

Na maioria das vezes, a ornamentação das meninas moças ou rainha, inicia-se às 16:00 da tarde, com ajuda das mães, avó e tia que as pinta com jenipapo em todo corpo, com corte de cabelo e posta uma venda feita de pássaro que cobre a frente dos olhos. Além de jenipapo, é passado no corpo um produto natural, como se fosse gel para colar pena e este pode ser passado com ajuda de um homem ou com a ajuda de uma mulher. Após a conclusão de ornamentação das rainhas, elas são levadas ao ambiente aberto, para dar o início da festa. Pela cultura dos Guajajaras/Tenetehar a festa do moqueado tem início às 16:00 da tarde, com o início da cantoria e a dança. Os cantores podem ter uma ou duas meninas nos lados dos braços para dançarem com ela durante a festa do moqueado. Depois da meia noite as meninas são levadas para a tocaia ou casa de palha para dormirem um pouco, para depois retornarem e finalizarem a festa pela manhã. Quando elas retornam, por volta de três da manhã, elas já vem com “vestidas” de cor diferente, assim também os cantores que trocam os “shorts” por outros de outra cor. Seguindo a festa, esta segue até umas sete ou oito horas da manhã, finalizando a dança com o movimento circular e após este os moqueado são pilado num pilão para fazer bolinhos feitos de farinha e carne de moqueado. Em cestinhas feita de palha são colocados os bolinhos de moqueado onde as meninas que dançaram distribuem para os convidados e para aqueles presentes na festa e assim é finalizada a festa. No moqueado de lambu, a carne dessa ave é passada nas juntas das meninas nos braços, nos joelhos e cotovelos e assim elas estão aptas a comerem outras carnes de caças, que antes que estavam proibidas, podendo agora se

alimentar dela, porque já concluíram o ritual, e lembrando que elas se tornaram mulheres a ter responsabilidade e também arranjar futuramente o marido para formar uma família.

Há também uma festa para os rapazes, mas a festa dos rapazes embora seja uma cultura dos Guajajara, não é realizada com frequência na aldeia Morro Branco, e também em outras aldeias. Essa festa como o próprio o nome diz é designada aos jovens indígenas em fase de puberdade. Para o seu acontecimento os pais reúnem-se com o demais das comunidades e marcam o dia e o mês para a realização da festa, frequentemente o mês de setembro, embora a data varie de uma região para outra, convidam os cantores e cantoras de outras aldeias que sabem como é realizado essa festa e que passaram também por esse processo.

A festa dos rapazes dos Guajajaras é diferente da festa da menina moça/ moqueado, pelo fato de não ter o moqueado na festa. Durante uma ou duas semanas antes da festa, há a preparação dos jovens que com o auxílio de cantor organizador aprendem a manejar o maracá e aprendem uma música em especial, a de uma espécie de pássaro que cada um vai cantar durante a festa, não podendo ser repetida pelos outros jovens.

No dia da festa pela manhã, em uma casa de palha isolada e tampada com lona preto, os rapazes reunidos são pintados com tinta de jenipapo no corpo pela mãe, tia, avó ou por outras indígenas, desde que esta já tenha concluída a festa do moqueado. É restrita a entrada de outras pessoas e os participantes vestem-se com trajes típicos dos Guajajaras, como uso de saio, cocar e pintada de jenipapo. Em cada pedaço de toco de madeira, é desenhado um diferente tipo de pássaro que será cantado pelo rapaz e o mesmo servindo-lhe para sentar. Durante período da manhã é dedicado a momento de organização, ornamentação, e a recepção dos convidados.

Após a conclusão de ornamentação dos rapazes, ainda na casa de palha, com o barulho dos maracás os cantores dão início a festa e na porta duas pessoas seguram a portinha feita de palha. Em seguida, os organizadores estendem esteiras feita de palhas de babaçu na parte externa da casa, em forma de caminho, ligando a outro ambiente fechado, no caso a da festa realizado no Morro Branco, foi na escola indígena Djalma Marizê Filho. Com a autorização dos organizadores os porteiros abrem a portinha e em linha de frente os cantores e cantoras, seguidos dos rapazes com punho de algodão nos antes-braços, sua parceira segura pelos punhos por trás os rapazes seguram o bastão enfeitado com a mão direita fazendo movimentos verticais de direita e esquerda, como se estivessem abrindo um caminho. Esta ação serve para afastar o mau olhar e abrir a sua visão na vida adulta, também estes não pode sobressair da esteira durante o trajeto no ambiente interno da escola, acompanhado de música e dança.

Chegando no ambiente interno da escola entram os brincantes da festa, não sendo permitida a entrada de pessoas que não estejam com trajes e vestimenta indígenas e novamente um ou dois indígenas auxiliam a entrada e saída de pessoas. Enquanto os brincantes se divertem os demais, que estão no lado externo, ficam assistindo o evento.

Ao sair da escola, os integrantes da festa repetem o mesmo processo de entrada com linha de frente, de cantores e cantoras seguidos de rapazes e companheiras e os demais participantes passando por cima de esteiras. Terminado o percurso, o toco de madeira detalhado com desenho de pássaros é colocado em fileira onde os rapazes permanecem sentados até o momento de chamada para cantar a música de um pássaro, para a finalização da festa. Após a festa os rapazes já estão graduados para cantarem e dançarem com as moças na festa do moqueado.

Falando em escola, educação e vida da comunidade, é importante assinalar que comunidade indígena da aldeia Morro Branco têm a relação com a educação tradicional, considerada de suma importância para Guajajaras/Tenetehar. Desde crianças os pais ensinam os filhos a falar na língua materna, levam nas pescarias no rio Grajaú, ou no Mearim e na adolescência os rapazes aprendem a caçar enquanto as moças aprendem a fabricar artesanato, fazer rede, cocar, colares, brincos e as tarefas de casa. Uma outra realidade é a língua tupi dos Guajajaras do Morro Branco, considerada muito resistente e a criança quando nasce, pelos menos a metade da língua materna vai aprendendo, que não totalmente deixa de aprender a língua tupi, fazemos parte de área de riscos e o importante é mantermos a nossa língua e

cultura.

A pintura dos Guajajaras merece um apontamento especial, pois é representada de forma variadas. Existem pinturas que são feitas no corpo dos caçadores, as pinturas nas meninas moça, as pinturas feitas nos rapazes e ainda a pintura nas crianças para tirar olhares negativos.

Esta é educação indígena: conhecimento repassado de geração e geração, aprendendo os valores Guajajara/Tenetehara, valorizando a língua materna, a crença, cultura e modo de vida.

Quanto a educação formal há o Centro de Ensino Indígena Djalma Marizê Filho, um prédio construído pelo Secretaria de Educação do Estado Maranhão (SEDUC-MA), com quatro (04) salas, dois banheiros (02), um masculino e outro feminino, (01) uma cantina, (01) uma secretaria e (01) uma biblioteca. Atualmente a escola funciona nos turnos matutino e vespertino e noturno. No turno matutino funcionam de 1º ao 4º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, no turno vespertino, 2º ao 5º ano do ensino fundamental dos anos iniciais e no turno noturno uma turma da educação de jovens e adultos (EJA) etapa I. O prédio atende duas turmas de educação Infantil I e II, educação Infantil I pelo turno matutino e o Infantil II no turno vespertino. Os professores que lecionam no ensino fundamental dos anos iniciais são todos indígenas e também moradores da própria aldeia Morro Branco, alguns deles já tem formação no magistério indígena e outros em busca do sonho pelo diploma universitário, como os que ingressaram na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) no ano de 2016 e outros no ano de 2019 pela mesma universidade, campus em Grajaú – MA.

Na comunidade da Terra Indígena Morro Branco, todos tem uma proximidade de parentescos e o diálogo entres as aldeias se dá por meio de um encontro entre todos, como o momento de tratar dos assuntos relacionados as comunidades, especialmente os problemas que afetam a aldeia, como constantes entradas de pessoas estranhas, pois alguns que entram na área indígena se infiltram com más intenções. Assim, esse é o momento em que a comunidade se reúne e combate esse tipo de problemas, nos fortalecendo ainda mais, porque nós somos indígena e somos irmãos. Nesse âmbito, a política na aldeia se tornou uma das obrigatoriedades principalmente para os caciques e lideranças desta aldeia, pois sua participação é imprescindível, a representatividade engloba na área da saúde, educação e social.

Para tratarem de um determinado assunto os caciques e lideranças são convocados para uma reunião de onde sairá uma decisão como melhor forma de resolver os problemas entendendo-se que a participação da comunidade em geral é absolutamente necessária. Hoje na aldeia há cacicas mulheres, antigamente a função do cacique era apenas do homem, mas, como o nosso país é democrático, a política nas aldeias se tornou mais presente. A escolha dos caciques ou cacicas se dá pela maioria da comunidade escolhendo estes ou estas representantes para guiar os seus representados no sentido de reivindicar e garantir seus direitos e cumprir deveres.

Outro papel dos caciques é solucionar alguns problemas que porventura ocorram em sua aldeia, mas nem todos os problemas apresentados aos caciques serão resolvidos por eles, já que a família que tem grande número de pessoas geralmente escolhe uma pessoa de família para ser os caciques, motivos estes que aconselhará eles.

As famílias da Aldeia Morro Branco moram em casas organizadas aos modos das aldeias dos colonizadores europeus, ou seja, enfileiradas “de lado em lado”. Com a falta de matérias primas, como palhas e madeiras de qualidade para construir uma boa casa, por a Terra indígena Morro Branco estar inserida dentro do perímetro urbano, os moradores são obrigados comprar matérias, como telhas e tijolos, fabricadas por não-indígenas e a maioria tem construindo casas de tijolos por falta de matérias primas, poucos que ainda tem esse tipo de construção. Algumas árvores frutíferas são plantadas ao redor das casas dos moradores desta aldeia, como pé de banana, manga, macaxeira, goiaba, mamão e outras, garantindo a presença deste gênero na alimentação de sua comunidade.

No dia-a-dia dos seus habitantes, uma das fontes de renda dos Guajajara da Aldeia Morro Branco é obtida através da comercialização dos artesanatos indígenas feitos na aldeia e que

são vendidos para os turistas que a visitam ou que são encomendadas para serem vendidas em outras cidades. Outros que não tem renda trabalham para os brancos na cidade ou nas fazendas e muitas vezes seus ganhos não são suficientes para sustentar a família, há ainda os que dependem do dinheiro do programa social do governo federal como bolsa família, do seguro defeso da pescaria artesanal e auxílio maternidade. Outra realidade de alguns indígenas para assegurar a alimentação à sua família vem da oferta de carne doada pelo matadouro do município de Grajaú.

A área da Terra Indígena Morro Branco além de ser pequena, em termos de hectares tem o nível de terreno em altos e baixos, apresentando uma área desnivelada e composto de pedras, por outro lado, o rio Grajaú é muito importante para a população de Grajaú e também para os indígenas Guajajaras do Morro Branco, pois durante e depois da cheia há uma fonte de subsistência e de renda para algumas das comunidades já que, após piracema o rio oferece mais variados tipos de peixe como pintado, surubim, piau, mandi e outros. Durante esse período de fartura dos peixes os indígenas reúnem a famílias e as levam às margens do rio Grajaú, ou acima das cabeceiras, num lugar chamado Cachoeira do Viriato, para uma bela pescaria compartilhando esse momento com não indígenas.

Voltando a falar do artesanato, esta é uma atividade que nunca foi deixada de lado. A feitura do artesanato é essencial, tanto para o reconhecimento do trabalho dos artesãos quanto para divulgar os trabalhos e cultura indígena e são as mulheres da aldeia que fazem as belas redes de algodão, colares, tipoiás, esteiras e outros enquanto os homens fazem arco e flecha e bordunas. Estes artesanatos quando são vendidos fazem com que o dinheiro recebido sirva para comprar ou suprir algumas necessidades da família.

## **Histórias da aldeia Morro Branco contada por moradores e ex-moradores.**

Neste tópico o leitor terá a oportunidade de conhecer o rico conteúdo das entrevistas realizadas por mim na aldeia Morro Branco a moradores e ex-moradores que nas suas arqueologias de saberes dão uma verdadeira aula de História.

O direcionamento da entrevista seguiu como baliza o contar sobre a sua vida na aldeia Morro Branco

Entrevista 1.

Adelson de Sousa Guajajara, mais de 80 anos de idade, conhecido como “Tàmuz Karaiw`ràn” quer dizer “Vô Mestiço” apelido dado a ele ainda criança, é um dos mais velho cantores e memória viva dos Guajajara da aldeia Morro Branco.

Numa manhã de outubro de 2019, a partir das 8 horas, avistei o Vô Adelson de Sousa Guajajara vindo à direção a minha casa, como maioria das vezes, com bastão de madeira na mão. Na recepção servi-lhe café da manhã, em seguida lembrei da entrevista, e mesmo pelo fato de morarmos na mesma aldeia, não foi fácil, apesar de ele estar na idade bem avançado. Para iniciar a entrevista fiz um questionamento sobre uma festa da cultura dos Guajajaras, a festa dos rapazes, festa não realizado frequente em nossa aldeia. E este questionamento foi o início do nosso diálogo.

Tàmuz heta awá wira’o haw àè no? Em português, Vô existe a festa dos rapazes? Então ele em tom lento me respondeu:

*— esse tipo de festa estar acabando, a festa dos rapazes não é mais como antigamente, estar se acabando, não é mais realizado inicialmente como antepassado, estar se acabando, como também a festa da menina moça que aos poucos estar quase acabando, ao passado a festa do moqueado naquele tempo era diferente, a música cantada também é outra, e hoje as letras são adaptadas por não terem gravados as letras da músicas corretamente e algumas delas não tem sentido na cantigas da festa do moqueado. E os homens, não*



*sabem mais cantar, igualmente na festa dos rapazes.*

Em seguida para que ele prosseguisse com a fala, aponte que um dos meus irmãos dançou na festa dos rapazes que foi realizado na aldeia Morro Branco no ano de 2017. Então ele disse:

*— A festa dos rapazes realizado aqui eu, queria presenciar desde o início, devido a conjuntivite não proporcionou a testemunhar o começo da festa, mas mesmo assim fui marcar presença na metade da festa sentado afastado dali, mesmo como dores nos olhos permaneci em breve tempo.*

Questionei se ele já havia participado e dançado na festa dos rapazes, e se é verdade que somente os homens que passou por esse rito tem direitos a cantar nas festas do moqueado? Respondeu assim:

*— Sim. É verdade, eu não sei falar como se dar a realização da festa dos rapazes, mas na minha festa onde eu participei quando eu era jovem foi na aldeia “Itá’ype”, em uma festa realizado na aldeia Bacurizinho, era diferente, vi os rapazes dançaram em cima da esteira estendida acompanhada das moças segurando nos punho de bracelete feita de linha de algodão, numa casa eles estavam dançando, as moças atrás dos rapazes segurando nos punhos de algodão colocado no antebraços deles, a festa realizado na aldeia Itaype os rapazes ficavam apenas caminhando e não dançavam, agora a festa realizado na aldeia Bacurizinho foi bonito, rapazes enfeitado de cocar, pintura e foi bonito.*

Antes de iniciar a festa dos rapazes, eles chamam, eles chamam, eles cortam os pedaços de tora de madeiras e estendem em fileiras, primeiramente assim na casa, os rapazes cada um deles segurando um pedaço de canajuba com a mão direita, fazendo o movimento de direita e esquerda em trajeto fora da casa no caminho onde ele for urinar, este tipo de ação servindo de afastar os maus olhares e dos perigos. Todos em pés os rapazes e organizadores chamando os participantes uma a uma para eles cantarem individualmente, em grupo os maiores de idade ficam separado dos mais menores, esperando a chamada para dar o início a cantoria, eles individualmente cantarão em breve uma música de pássaro, com auxílio dos cantores mais velhos dão início a cantoria, só é permitida a música de pássaro para não pesar muito para eles, pois o jovem não mata grande caça, e os espírito deste aves não é muito forte e corpo dos rapazes não suporta ainda os espírito de outras animais.

## Entrevista 2

A segunda entrevista foi realizada no dia 28 de outubro de 2019, com o senhor como Seu Chico, com idade aproximadamente 70 anos. A metodologia utilizada para realizar esta entrevista se deu de através da transcrição do que era falado, porquê no momento não havia recurso tecnológico para a gravação de **áudio**. Mesmo assim, seguimos com a entrevista e aqui transcrevo a conversa seguindo fidedignamente a fala do entrevistado. Para iniciar a conversa perguntei ao Seu Chico se lembrava um pouco da história da aldeia Morro Branco. Então ele me respondeu:

*— Rapaz a minha infância vivi passariando aqui na redondeza dessa aldeia, eu era menininho gostava de vim aqui, nessa época já tinha pouca casa e já tinha índios morando aqui, o pessoal da família Carlos, a mãe do Alderiquinho, a Rozinha Carlos, pessoal da esposa do Seu Djalma. Aqui não tinha estrada, nem energia e nem água, aqui era tudo cheio de mato, por isso que gostava de passarinhar aqui. Aqui já tinha índios em pequenas quantidades mais tinha, desde pequeno eu andava por aqui passariando, aqui morava o pessoal da família Carlos, ali perto do antigo Becker, tinha um morrinho branco e com o tempo o pessoal chamou a aldeia de Morro Branco”. Quando cresci casei com uma indígena, no meu tempo foi uma luta porque os caciques não aceitavam o branco casar com indígena era proibido, mesmo assim consegui casar e fui dos primeiros Karaiw em entrar na família indígena dessa região e até hoje nunca tive conflito com os indígenas. Também trabalhei na Funai como função de Serviços Gerais, aqui no Morro Branco contribui com o meu serviço, fiz estruturas para caixa d’água e nas redes de encanação, quando nós puxamos a água ali do antigo poço velho, água do minador que serviam para tomar banho e lavar roupa. Alguns indígenas trabalhava para os brancos nas lavouras e às vezes a remuneração era muito pouquinho e nem dava para o sustento da família. Essa é lembrança que eu tenho do Morro Branco e hoje estou morando aqui.*

### Entrevista 3

O entrevistado Sebastião Bento, cacique da aldeia Morro Branco relata a sua vida na aldeia desde seu passado até o presente, lembrando dos momentos felizes e de tristeza na aldeia Morro Branco, a partir de 1980 em uma detalhada fonte de conhecimentos e informações sobre a história desta comunidade.

*— Bom dia meu nome é Sebastião Bento sou cacique da aldeia Morro Branco, vou falar um pouco da Terra Indígena Morro Branco em si do antes e o depois na atualidade. Então a Terra Indígena Morro Branco é uma área demarcada e homologada, é uma área que tem aproximadamente 1.400 (mil e quatrocentos) pessoas morando em dezenove aldeias, esses dezenove aldeias tem caciques e lideranças, então a Terra Indígena Morro Branco é umas das terra próximo da cidade e menor do Brasil na atualidade, então a terra indígena Morro Branco antes de ser demarcada era habitada por parentes de outro Terra Indígena como Bacurizinho e de várias regiões aldeia Ipu, Bananal onde eles ficavam aqui pra passar a noite quando chegava à tarde e as vezes não conseguiam voltar no mesmo dia, eles dormiam aqui nos debaixo de pé de pequi ou outros pé de arvores eles faziam suas comprinhas e retornavam no dia seguinte nas suas aldeias. A partir de 1982 a Terra Indígena Morro Branco foi formado uma comissão de lideranças e caciques pra irem atrás da demarcação da terra indígena esse comissão foi pra Brasília reivindicar a demarcação e assim foi feito e demarcada a Terra Indígena Morro Branco e de lá pra veio alguns jovens pra estudar na cidade acompanhado pelo grande liderança, cacique e professor Alderico Lopes e alguns pais também acompanharam seus filhos aqui no Morro Branco e onde começaram fazer as suas casas no intuito de acompanhar seus filhos nos estudos, assim foi feito e assim aconteceu, mas só que antes aqui na Terra Indígena Morro Branco só existia o Morro Branco em si era uma aldeia*

*pequena onde morava a família Carlos eram dez famílias e não água potável e não tinha o poço artesiano e as casas eram feitas de palhas casas pequenas cobertas por palhas de piaçaba e fechado com barro, assim era as casinhas da comunidade que morava aqui nesse tempo isso em 1982 pra cá já e nós aqui quando chegamos em 1987, meu pai também grande liderança e cacique e respeitado a nível nacional começou justamente com o outro cacique que aqui morava o Seu Djalma Marizê o grande líder e cacique também o mesmo do Morro Branco começaram correr atrás do benefício para melhorar a qualidade de vida da comunidade indígena daqui aldeia Morro Branco em si, primeiro a coisa que eles foram atrás foi de um poço artesiano e porque tinha e até hoje tem um minador onde nós bebiam água, lavavam roupas e faziam comida e esse minador não era suficiente para atender toda comunidade e também era uma água não adequada pra gente consumir e assim foi feito meu pai justamente com outros lideranças Seu Djalma, Seu Alexandre e Temiston correram atrás desse benefício que era o poço artesiano assim os conseguiram trazer esse benefício e depois foi a energia elétrica, eles correram atrás e conseguiram também trazer a energia elétrica e depois disso foram atrás de outros benefícios como calçamento, escola e o calçamento asfáltica foi recente. E hoje a Terra Indígena Morro Branco tá bem organizado apesar de agente estar bem próximo da cidade a gente mantém a nossa língua materna, mantemos ainda a nossa cultura que é a festa do moqueado, a festa dos rapazes, mantemos a nossa cantoria e a nossa pintura. E o forte nosso aqui da nossa Terra Indígena do Morro Branco é o artesanato feita dentro da própria comunidade e que também serve pra vender e pra própria comunidade se manterem também pra comprar aqueles alimentos e seus necessidades com esse dinheiro, cada aldeia também fazem artesanatos, porque a Terra Indígena além de ser pequena não tem local pra colocarmos roças e plantarmos os legumes para nos alimentar, mas o quintal da gente temos pequenas plantio de mandioca, feijão e macaxeira mas só pra o consumo não pra vender e assim também pequenas criações de galinha, porco é o que a gente pode criar aqui no Morro Branco, hoje na Terra Indígena Morro Branco tem jovens formado em História, Pedagogia, Enfermagem e outros cursos como em Técnico em Enfermagem, Técnico em Saúde Bucal assim outros cursando os níveis superiores a Licenciatura Intercultural, jovens fazendo em São Luís pela UEMA (Universidade Estadual do Maranhão) e é assim o Morro Branco hoje na atualidade e também sem falar aqui temos uma equipe de Saúde formado pelo médico, enfermeiro, monitor de saúde, técnico de enfermagem, agente de indígena de saúde e o agente indígena de saneamento e motoristas também que são indígenas e uma escola que funciona pelo Estado de primeiro ao nono ano, a maioria são professores indígenas, alguns tem magistério indígena e alguns tem nível superior no caso Pedagogia e História e também funciona a pré-escola a educação infantil para nossa criança indígena de três ao cinco anos de idade e agora recentemente estar sendo concluída a pré-escola onde vai funcionar a pré-escola aqui dentro da nossa comunidade que atenderá todas as aldeias da Terra Indígena Morro Branco, é assim é a história do Morro Branco, um pouco sobre história do Morro*

*Branco, quando cheguei e chegamos aqui foi o que aconteceu desde 1987 até agora assim é a Terra Indígena Morro Branco localizado em Grajaú bem próximo da cidade como eu falei apenas quinhentos metros do município.*

Meu nome é Sebastião Bento de Sousa Lima, atualmente como cacique da aldeia Morro Branco tenho quarenta e quatro anos sou formado em Pedagogia e atualmente estou fazendo a Licenciatura Intercultural pela UEMA fazendo curso Ciências da Linguagem e especializando em Língua Materna, a Língua Tentehar que é o nosso atual língua materna e hoje vou falar um pouco de dois momento do momento ruim que vivenciei no Morro Branco e do momento bom que convivi aqui na aldeia Morro Branco. O momento ruim é foi quando chegamos aqui em 1987 os meus parentes que aqui moravam já nessa época eles não tinha uma água de qualidade para eles consumirem e a água que eles consumiam era uma água totalmente inadequada para o consumo que era água bebedouro que hoje chamamos de poço velho onde toda a comunidade da terra indígena Morro Branco consumiam pra fazer suas comidas, lavar roupas e banhar mesmo tempo e era uma água que prejudicava muito saúde das crianças e também dos mais velhos, alguns causava coceiras no corpo, era uma água inadequada para ser consumida na época, e outra questão ruim que vivenciei aqui foi a falta de energia elétrica a aldeia era todo no escuro e alguns parentes as vezes não tinha nem querosene para suas lamparina em casa, outros acendiam e procuravam a lenha pra acender e ter uma luz em casa e aldeia era todo no escuro. Outro momento ruim que presenciei aqui a falta de estrada acesso pra cidade que era muito ruim no inverno o carro não subia pra aldeia pra deixar algumas compras para as comunidade da aldeia porque o acesso era ruim de massau e no inverno os alunos tinha dificuldades para irem ao escola porque desciam na ladeira e lama massau e tinha que lavar os pés para poder entrar na sala e as vezes alguns faltavam a aula e não entrava por causa da lama.

Os momentos bons que convivi quando meu pai cacique Virgulino Bento justamente com o Djalma Marizê que eram os dois caciques da aldeia Morro Branco se reuniram justamente com alguns lideranças pra ir atrás do benefícios pra melhorar a qualidade de vida da comunidade do Morro Branco, primeiro prioridade foi conseguir trazer pra comunidade foi o poço artesiano eles forma pra São Luís e Brasília atrás desse poço artesiano que era prioridade para a comunidade para eles terem uma água de boa qualidade pra beber, fazer comida e lavar roupa e pra se banhar, então assim eles fizeram foram atrás desse benefícios e conseguiram e hoje aqui tem esse poço artesiano conseguido na época por eles. Outros momentos bons também quando eles também junto quando foram atrás de energia elétrica e conseguiram a energia elétrica trazer para a comunidade junto com CEMAR e foram lá falar com gerente até que trouxeram essa energia de qualidade. Outro momento bom foi calçamento e o que a estrada acesso era ruim para cidade e também conseguiram trazer o calçamento também da

aldeia até na BR da cidade, como a aldeia é bem perto né quinhentos metros da cidade conseguiram esse calçamento pelo governo do Estado. Todos os momentos bons que eles juntos também com outros lideranças conseguiram também trazer um posto de Saúde com equipe de Saúde para a comunidade e que esse equipe ficasse dentro da própria comunidade da Terra Indígena Morro Branco, e hoje é formado pelo médico, enfermeira, monitora de saúde, técnico de enfermagem, agente indígena de saúde, AISAN e motoristas, pois também nós temos esse equipe aqui que foi uma coisa boa que veio para a comunidade e outra coisa também foi a escola e foi com a luta deles lideranças conseguiram também uma escola maior e ampliar a escola que hoje funciona pelo Estado com quatro salas e maioria dos professores são indígena alguns tem magistério indígenas e outros tem formação em História e outros em Pedagogia e alguns professores cursando o curso de Pedagogia e História atualmente e também outro momento bom foi também conseguido por eles caciques e lideranças foi uma escola específica para educação infantil para os alunos de três ao quatro anos para as crianças da comunidade na qual a escola vai atender dezenove aldeias da Terra Indígena Morro Branco especificamente para as crianças de três ao cinco anos esses são os momentos bom que convivi e outros momento bons os benefícios do governo que apareceram como auxílio materno, bolsa família e outros programas do governo que hoje também a comunidade estar sendo beneficiada até hoje, então este são os momentos bons que convivi e a aldeia estar mais organizada, algumas casas de telhas e alvenaria e assim é hoje a aldeia Morro Branco, só isso.

## Considerações Finais

Este trabalho proporcionou alguns questionamentos para realização desta pesquisa a saber: questiona – se o porquê a aldeia acima mencionada ser chamado de “Morro Branco” e a origem do povoamento? Igualmente, como se deu demarcação e se a cultura prevalece como antigamente. Através destes questionamentos foi analisado e pesquisadas algumas fontes sobre os Indígenas Guajajaras no Estado do Maranhão e comparando os aspectos Culturais, Política, Saúde, a Religião, a Língua Materna e outros com os aspectos culturais do povo Guajajara/Tenetehar da Aldeia Morro Branco. A importância deste estudo é uma contribuição para a Historiografia Indígena no Brasil e para demais áreas de conhecimento.

Acreditamos que a oralidade indígena é riquíssima e nos leva ao conhecimento que muitos livros não podem fazer, pois falam “de dentro”, movidos por um condutor ancestral, uma sabedoria geracional milenar fazendo com que nos conheçamos mais profundamente a nossa própria história, a nossa própria identidade e o nosso próprio eu.

## Referências

BRINGMANN, Sandor Fernando. **História Oral e História Indígena: Relevância social e problemática das pesquisas nas Terras Indígenas brasileiras.** Revista Latino-Americana de História Vol. 1, nº. 4, dezembro de 2012.

CIMI, 2014. **Festa dos Rapazes do Povo Guajajara.** Disponível em: <http://cimi.org.br>. Acesso em 20/10/2019.

GOMES, Mércio Pereira, 2002, **O Índio na História - O povo Tenetehara em busca da liberdade**, Petrópolis: Editora Vozes.

Secretaria Especial de Saúde Indígena - **SESAI**. Disponível em <https://www.saude.gov.br/saude-indigena/sobre-a-sesai>. Acessado em 30 de novembro de 2019.

**SITE SÓ HISTÓRIA**. Disponível em: <https://www.sohistoria.com.br/>. Acessado em 18 de outubro de 2019.

SCHRÖDER, Peter, 2002,; **'Guajajara', Povos Indígenas do Brasil**, Instituto Socioambiental, São Paulo, [pib.socioambiental.org/pt/povo/guajajara](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guajajara).

**Grajaú** (Maranhão). Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Graja%C3%BA\\_\(Maranh%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Graja%C3%BA_(Maranh%C3%A3o)) Acessado em 25/10/2019.

ZANNONI, Cláudio. **Política e Economia na Sociedade Tenetehara: Uma Análise das Relações e Econômicas**. XXIV Encontro Anual da ANPOCS. 2000.